

Racismo, etnia e lutas de classes no debate marxista

DANILO ENRICO MARTUSCELLI E JAIR BATISTA DA SILVA (ORGS.)

Chapécó: Ed. dos Autores, 2021. 494p.

Riviane Enedino*

O livro *Racismo, etnia e lutas de classes no debate marxista* surge como proposta editorial do Coletivo Marxismo21, organizado por Danilo Enrico Martuscelli e Jair Batista da Silva, objetivando apresentar a inserção e os desdobramentos do debate sobre o racismo e as relações étnico-raciais do ponto de vista marxista, destacando a contribuição teórica e prática dos movimentos negros e indígenas, bem como de intelectuais marxistas que introduziram a problemática da questão racial articulando-a com a luta de classes. Nesse contexto, o racismo – lido como ideologia e complexo de práticas sociais – é parte estruturante do modo de produção capitalista e seus efeitos se manifestam na reiteração da subalternização e exclusão das populações negras e indígenas. Portanto, a discriminação racial é entendida como instrumento de dominação do capital e, sendo assim, a questão racial, como adverte Mariátegui, “não pode ser resolvida no capitalismo” (p.16). A luta antirracista deve estar atrelada a uma perspectiva anticapitalista, como é demonstrado ao longo da obra. O dossiê que nos chega sob forma de livro apresenta 23 textos elaborados por 26 autores(as), que analisam o pensamento de importantes expoentes marxistas, em sua maioria brasileiros e latino-americanos. O livro está dividido em sete partes temáticas que versam sobre a especificidade da

* Mestranda em Ciência Política e Relações Internacionais na Universidade Federal da Paraíba (PP-GCPRI/ UFPB). E-mail: rivianeenedinop@gmail.com

discussão racial e étnica sob perspectiva marxista, cujas contribuições buscamos sintetizar como se segue.

Historicamente, dentro das vertentes marxistas e socialistas se evidencia, no debate sobre raça, a influência dos movimentos negros como o pan-africanismo, que propunham compreender a condição dos sujeitos racializados para além das determinações econômicas, sendo assim, a hierarquização racial condensaria um sistema complexo de dominação das sociedades capitalistas que abarcaria as esferas psicológicas, sociais, econômicas e políticas. Frantz Fanon reconhece o racismo como um processo de desumanização do “Outro”, produto do sistema capitalista e colonial; a subjetividade e a identidade da população racializada são construídas e construída culturalmente, assumindo diversas feições ao longo do tempo-espço, determinadas historicamente pela situação colonial. O efeito subjetivo da discriminação racial também é apontado por Lélia Gonzalez, observando que as representações sociais do(a) negro(a) são inscritas no imaginário cultural de toda a sociedade, reproduzindo e reforçando sua estigmatização, exclusão e inferiorização. Ao analisar o processo de subalternização da mulher negra, a autora incorpora no seu horizonte teórico as relações entre classe, gênero e raça operando juntas; em consequência, a situação da mulher negra é agudizada, integrando-se aos processos produtivos sempre à margem.

Na interpretação de Clóvis Moura, as relações de produção capitalistas foram moldadas pela escravidão; como efeito, a ideologia racista determinou, “em grande parte, o *ethos* da nação brasileira que emergiu do escravismo e, ao mesmo tempo, estabelece[u] os níveis de subordinação (econômica e extraeconômica)” (p.387). Dessa forma, conformou-se uma sociedade de classes profundamente desigual, uma vez que os elementos do passado foram conservados e a condição da mulher e do homem negro não foi alterada. Diante dessa constatação, a sociologia mouriana formulará uma historiografia dos subalternos, reconhecendo os(as) negros(as) como atores sociais e políticos ativos.

Clóvis Moura reconstrói a história sobre o papel dos(as) negros(as) tendo como fio condutor a resistência e luta dos escravizados, uma vez que a população negra participou ativamente na formação da nação brasileira e lutou contra sua própria condição, mas sua presença é reiteradamente distorcida e apagada. É recorrente na historiografia do país que o povo negro seja retratado como passivo e dependente. A resistência escrava expressa a luta de classes no sistema escravocrata, sendo assim, os quilombos, as insurreições e o protesto negro demonstram que o escravizado era um elemento dinâmico da sociedade. A participação da população negra não se deu apenas esporadicamente e seu engajamento político se espalhou por vários movimentos sociais de caráter emancipacionista que eclodiram no Brasil.

O intelectual marxista C. L. R. James, no livro *Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos* também empreende um esforço de apresentar a luta do povo negro contra sua situação, demonstrando o protagonismo revolucionário negro em busca da autoemancipação. A Revolução do Haiti se soergue

como um exemplo de luta contra o colonialismo e a opressão racial, tomando proporções internacionais, influenciando diversas insurreições contra a escravidão em distintas regiões. Essa posição marca uma transformação epistemológica, uma vez que traz para o centro do debate a ação histórica empreendida pelos grupos oprimidos, fazendo frente a uma historiografia que silencia os movimentos dos grupos marginalizados.

A exposição das lutas dos povos negros e indígenas é uma temática que perpassa todo o dossiê. Além disso, é recorrente o debate sobre racismo e colonialismo, em especial na América Latina. Alguns textos trazem as reflexões do peruano José Carlos Mariátegui, uma vez que ele defende a necessidade de uma interpretação marxista que consiga apreender as especificidades desta região marcada pelo colonialismo e imperialismo. Desse modo, era preciso “nacionalizar o marxismo” para compreender uma sociedade desigual que amalgamava elementos arcaicos e modernizantes em seu interior, onde “o processo de colonização marcou decisivamente a especificidade do capitalismo latino-americano e da constituição da exploração sob bases racistas de não branquitude, onde podemos perceber o imperialismo junto a concepções racistas” (p.17). Ao investigar a situação do Peru, Mariátegui voltou-se para a questão indígena e racial – uma vez que esta região é marcada pela sua multietnicidade – reconhecendo no povo indígena o potencial revolucionário na luta contra o imperialismo e o racismo que se manifestam como elementos de dominação e exploração.

Numa perspectiva semelhante às interpretações de Mariátegui, Florestan Fernandes irá debater a questão racial relacionando-a à conformação do capitalismo dependente e ao padrão do regime de classes que se consolidou no Brasil. A compreensão da articulação entre o arcaico e o moderno é estruturante no pensamento do autor. Ao pensar o processo de transformação do sistema escravocrata para o modo de produção propriamente capitalista – marcado pelas relações de trabalho “livre” – ele aponta para a conservação das estruturas de privilegiamento social, significando que nunca houve possibilidade de se constituir uma sociedade de classes competitiva, sendo assim, a população negra permaneceu subalternizada e superexplorada. A teoria de Florestan Fernandes foi fortemente influenciada pelo movimento negro, portanto, compreende que classe e raça se relacionam intimamente e, além disso, parte do entendimento de que o capitalismo desenvolvido no Brasil se estrutura em bases coloniais e escravocratas. Isso significa que existe uma identificação entre capitalismo e hierarquização racial. Sua argumentação desmonta a noção de democracia racial no país, identificando-a como instrumento ideológico de dominação racial.

À vista do que foi exposto, ainda que sucintamente, buscamos ressaltar a importância desta obra para a discussão das relações raciais dentro do debate marxista, pontuando a contribuição de intelectuais marxistas e dos movimentos negros e indígenas na inserção da raça como categoria sociológica essencial para desvendar os mecanismos de exploração do capitalismo.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Marxismo analítico e classes sociais

Fabien Tarrit

Gramsci e a crítica à teoria das elites

Luciana Aliaga

A cultura cívica de uma perspectiva marxista

Jerzy J. Wiatr

**Documento: o uso das máquinas no
neocapitalismo**

Raniero Panzieri

Dossiê: A crise política no Brasil

42